



JANEIRO
ABRIL
2012

Jornal

9

O que faz um país “andar para a frente”?

Especial F5

- 2 Na CS, construímos o futuro!
F5 - Um projecto inovador.
- 4 Elixir da longevidade.
- 5 O ciclo da água.

Laboratório

- 5 Metrologia,
a ciência da medição.

Empresa

- 6 A importância do *capital humano*
nas organizações

Opinião

- 8 As armas e os barões assinalados

Notícias

- 8 PME Excelência 2011

A curto prazo, não são certamente as políticas económicas que estão a ser implementadas pelo governo.

Pelo contrário, as medidas de austeridade, conduzindo à redução do poder de compra da população portuguesa, estão a criar uma situação de recessão económica, aliás já prevista e assumida por quem tem em mãos, neste momento, os destinos do país.

Para dificultar ou complicar a situação, Portugal não está isolado, e aquilo que de bom ou de mau acontece na Comunidade Europeia afeta-nos diretamente.

E, atualmente, de bom há pouco!

Ou seja, visto o problema desta forma, parece que a solução mais aconselhada para cada um de nós será ficar quieto no seu canto, esperando que a

crise passe, que surja “a luz ao fundo do túnel” (talvez das imagens mais utilizadas nas últimas décadas em Portugal) e só então, saindo de um estado de “hibernação”, começar a funcionar num mundo renovado e melhor.

Será que não podemos desde já “andar para a frente”? As crises não afetam todos por igual!

Se aqueles que podem contribuir para o equilíbrio da nossa balança de transações correntes (é tão importante aumentar as nossas exportações como reduzir as importações, não através da diminuição do poder de compra – situação conjuntural – mas através do abastecimento do mercado com produtos portugueses com uma relação quali-

dade/preço superior aos de origem estrangeira)...

Se aqueles que podem contribuir, através do incremento do seu negócio, para o aumento da atividade de outros, ajudando-os a criar riqueza...

Se aqueles que podem contribuir, pelo aumento sustentado da sua capacidade produtiva, para criar novos postos de trabalho, a forma mais eficiente para estancar a espiral do desemprego...

Se aqueles que vêm num ambiente adverso uma oportunidade para inovar, apostando no conhecimento e qualificação...

Se “apenas” estes decidirem de imediato passar à ação, não estaremos já a “andar para a frente”?



Na CS, construimos o futuro!

Em abril de 2010, já em plena crise económica internacional, comuniquei a nossa intenção de construir uma nova unidade industrial.

Referi então que a instalação da linha de fabrico, de grande capacidade e flexibilidade, deveria ser faseada de forma a adequar o aumento de produção ao aumento da procura, baseada sobretudo no crescimento dos mercados externos.

Essa intenção está agora a ser concretizada. Numa altura em que a situação económica e financeira do país se agravou profundamente, o reforço da presença da empresa num setor estruturante para a economia, com um investimento desta natureza, terá um forte impacto a nível regional e nacional, nomeadamente na criação de emprego e riqueza.

Tendo iniciado a sua atividade em 1927, a CS soube atravessar a grande depressão de 1930, a segunda grande guerra mundial e a crise económica portuguesa de 1983. Foi portanto de forma natural que o conselho de administração manteve a decisão de desenvolver e executar o projeto no mais curto espaço de tempo possível, consciente que a atual situação acentua a necessidade de fortalecer e dar maior dimensão à empresa.

Os últimos meses foram de intenso trabalho porque, desde o início, tínhamos perfeita consciência que o modelo de unidade industrial que pretendíamos constituía um grande desafio para os produtores de equipamento. Em estreita colaboração com os fornecedores mais credíveis, com a tecnologia mais avançada e mais fiável, procedemos a estudos e afinações de sucessivos layouts, até conseguir ter uma resposta técnica-

mente válida e economicamente viável que nos garantisse o cumprimento dos pressupostos – faseamento e flexibilidade do projeto – que, em nossa opinião, justificam o investimento.

Paralelamente procedemos à execução do projeto de licenciamento e do estudo do impacto ambiental, em conformidade com os mais exigentes padrões ambientais legalmente estabelecidos em Portugal e na Comunidade Europeia. Tendo obtido a necessária aprovação, concluímos os trabalhos de terraplanagem que obrigaram à movimentação de cerca de 360.000 toneladas de terras, construimos o edifício fabril, que ocupa nesta primeira fase uma área de 12.900 metros quadrados, e estamos neste momento a receber e a instalar os diversos equipamentos industriais.

A produção da nova fábrica permitirá reforçar a liderança da CS no mercado português, e sobretudo a posição comercial já conquistada noutros mercados. Constituirá assim um trunfo para o reforço da estratégia comercial seguida de aposta em produtos diferenciados, da mais alta qualidade e maior valor acrescentado, e irá proporcionar, de uma forma faseada, a capacidade necessária para satisfazer a crescente procura dos produtos de marca CS no mercado.

Em abril de 2010 informei os nossos clientes sobre a intenção de executar este projeto de expansão.

Hoje, posso acrescentar que as obras são já uma realidade e que esperamos poder começar a produzir ainda durante o primeiro semestre deste ano.

Na CS, **queremos continuar a construir o futuro.**

José Coelho,

Presidente do Conselho de Administração

Um projeto inovador

A Fábrica 5 surge com o propósito de responder ao progresso da CS numa perspetiva de futuro, disponibilizando no mercado uma oferta mais variada e flexível em modelos de telha cerâmica e acessórios, com um tempo de resposta útil que corresponda às expectativas dum mercado cada vez mais dinâmico e exigente.

O projeto, que contou com a grande receptividade dos fabricantes de equipamento para estudar uma solução à medida (em detrimento de eventuais soluções standardizadas, muitas vezes resultantes de uma carteira de encomendas mais preenchida), envolveu soluções únicas e tecnologicamente inovadoras, das quais resultaram equipamentos com elevado grau de sofisticação tecnológica.

Os equipamentos escolhidos e a extrema flexibilidade dos processos de automação permitem o fabrico de modelos de telha e acessórios totalmente diferentes, com diferentes ciclos de produção, capazes de competir no mercado internacional com grupos multinacionais que, possuindo várias fábricas, oferecem uma vasta gama no seu portfolio.

Este projeto desenvolve-se num processo faseado, para que possa acompanhar o crescimento do mercado, evitando assim a construção de uma linha demasiado pequena e desajustada (e portanto, de reduzida rentabilidade), ou de uma linha cuja totalidade da produção dificilmente seria absorvida pelo mercado a curto prazo.

F5 em números (1ª fase):

Movimentação de terras:

360 000 tons

Área coberta do edifício:

12 900 m²

Estrutura metálica do edifício:

560 tons aço

Fundações do edifício e dos equipamentos:

5080 m³ betão + 285 tons aço

Represa de contenção de águas pluviais:

1350 m³ betão + 50 tons aço



MAI. 2011



JUN. 2011



AGO. 2011



AGO. 2011



JAN. 2012



AGO. 2011 SET. 2011



OUT. 2011



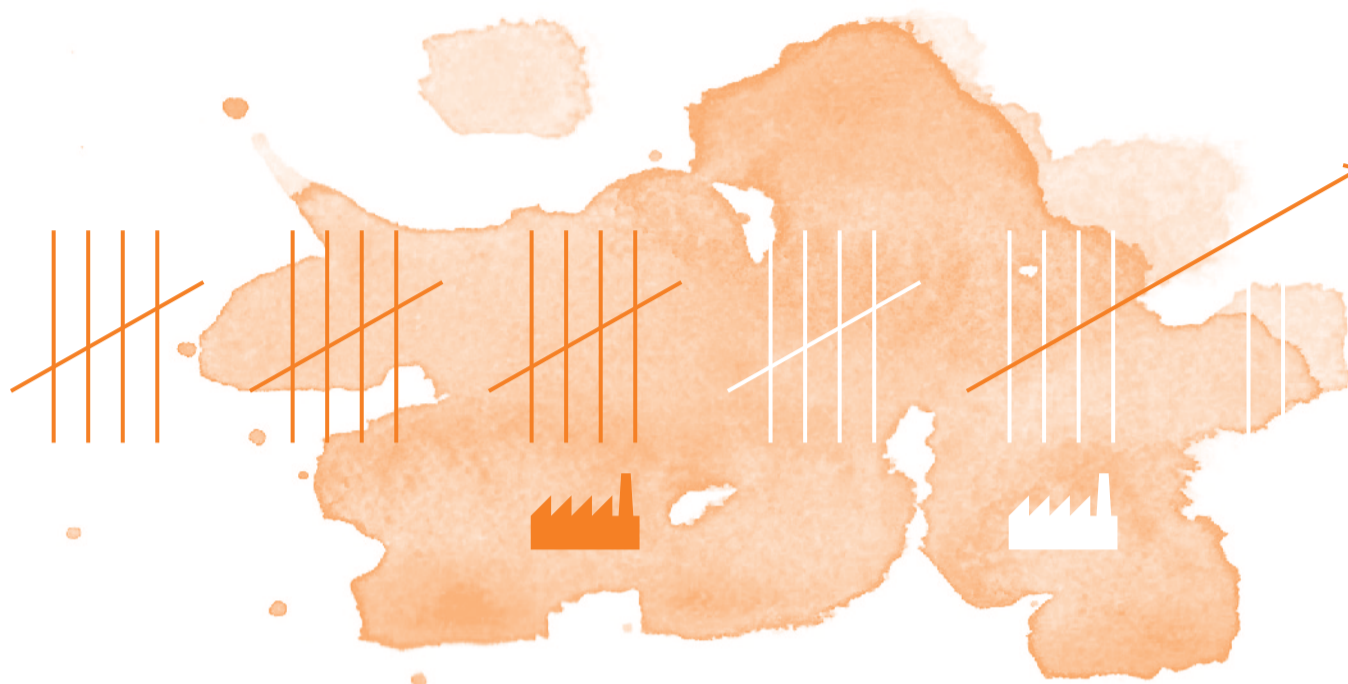
SET. 2011



DEZ. 2011



Elixir da longevidade



A CS existe há mais de oitenta anos. No entanto, a longa vida da empresa poderia não lhe ter trazido sabedoria. É fácil verificar que, no nosso país, muitas empresas chegaram ao fim da sua existência produzindo com os mesmos processos com que iniciaram a sua atividade. Felizmente, a CS seguiu outro caminho.



A sua história começa em **1927**, dois anos antes da primeira grande crise económica do mundo moderno, com o fabrico artesanal da telha canudo.

Em 1943, em plena segunda grande guerra mundial, a par da produção da telha canudo, é introduzido o fabrico de telha marselha, através do processo de prensagem.



Logo no período pós-guerra, em **1947**, é criada uma nova unidade fabril onde se inicia a produção da telha lusa.

Dez anos depois, procede-se à expansão da fábrica, que passa a utilizar o processo de cozedura contínua, instalando um forno *Hoffman* de grandes dimensões.



Em **1982**, um ano antes da grave crise económica que afetou Portugal, é construída uma segunda fábrica, já automatizada, utilizando pela primeira vez um forno túnel. Aí é iniciado o fabrico da telha lusa **F2**, modelo que tem vindo a ser otimizado através de alterações progressivas no sistema de

encaixes, na formulação da pasta que lhe dá origem, e no processo de cozedura, sendo ainda hoje comercializado.

Curiosamente esta unidade será a primeira de um ciclo, ainda não interrompido, de criar uma nova unidade, com a melhor tecnologia disponível, de dez em dez anos!



Assim, em **1992** é construída a primeira fase de uma terceira fábrica, totalmente automatizada e multi-produtos, para a fabrico de telhas e acessórios, dando-se início à produção da telha **F3**.

A segunda fase desta fábrica, possibilitando a engobagem e a utilização de pastas diferenciadas, é concluída em **1995**.



Em **1998**, antecipando a criação de futuras linhas de produção, é construída uma nova unidade de preparação de pastas, considerada então a mais moderna da Península Ibérica.



Em **2002**, dez anos depois da construção da fábrica 3, e coincidindo com o aparecimento da crise do setor da construção em Portugal, é construída a quarta unidade de produção. Esta unidade, com a possibilidade de fabricar telhas e acessórios em cores e pastas diferentes, introduz na empresa e na Península Ibérica o sistema de prensagem a gesso e cozedura em gazetas "H" num forno de tecnologia *hydrocasing*. Inicia a sua produção com uma nova telha lusa,

de qualidade *Premium*, sob a marca **Tecno**.

Um ano depois, é lançado o modelo de telha marselha, de qualidade *Premium*, sob a marca **Domus** e em 2006 é produzido o primeiro modelo de telha inteiramente plana na Península Ibérica, de qualidade *Premium*, sob a marca **Plasma**.



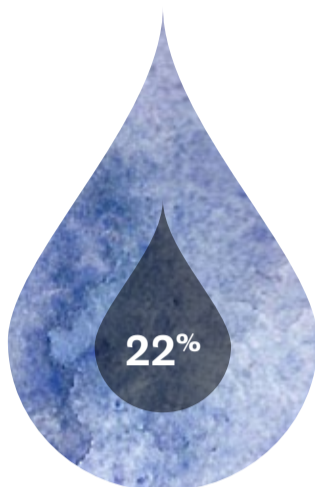
Em abril de **2010**, em plena crise internacional, é comunicada a intenção de construir uma nova unidade industrial, em duas fases, a primeira das quais já em construção.

O segredo desta perpetuação assenta em saber permanecer em harmonia com o mundo, através de cinco princípios que atuam como **Elixir da Longevidade**:

- **Sensibilidade e Bom Senso**, para a adaptação à mudança através de um processo de aprendizagem contínuo;
- **Coesão interna**, em torno de um sentido de identidade comum;
- **Abertura** para o pensamento não convencional, de forma a estar disponível para a criatividade e experimentação;
- **Gestão financeira**, não desperdiçando recursos de modo a ganhar flexibilidade de decisão nos momentos em que é preciso investir;
- **Sucessão na liderança** e no núcleo de quadros que dominam as competências da empresa, de forma a assegurar a continuidade.

Estando absorvidos pela cultura da empresa, estes princípios são perfeitamente exequíveis e dispensam quaisquer receitas de carácter alquímico para a sua longevidade.

O ciclo da água



Estima-se que 22% do uso da água no mundo é industrial. Apostando num desenvolvimento sustentável, o setor da indústria deve contribuir para promover o seu uso de uma forma mais eficiente.

A linha de produção da nova fábrica, atualmente em fase de montagem, implica a construção de um grande edifício e de um parque para o armazenamento dos produtos, os quais obrigarão a pavimentar grandes áreas; a conjugação destas duas situações irá conduzir a um agravamento sensível das áreas impermeabilizadas na empresa.

Quando da ocorrência de períodos de chuva forte, os caudais devidos ao escoamento dessas águas serão importantes, podendo fazer transbordar os ribeiros para onde desagüam.

Aplicando uma estratégia de gestão preventiva, transformá-mos um problema numa vantagem, aumentando o uso produtivo deste recurso natural – a água, e aproveitando as sinergias daí decorrentes.

Para responder a este desafio, projetámos a construção de uma represa que irá armazenar as águas das chuvas, criando um lago artificial. Este lago, que terá uma profundidade máxima de 8 metros, sendo impermeabilizado com argila, fará descargas de forma controlada de modo a evitar a erosão do leito da linha de água existente a jusante devido à excessiva velocidade de água.

E o que faremos com toda essa água?

A indústria cerâmica consome grandes quantidades de água durante o processo de fabrico e a telha não é exceção: Para as fases de preparação da pasta, extrusão e prensagem, é necessário adicionar água às argilas. Até hoje, toda essa água provinha de captações próprias da empresa.

Quando a nova unidade iniciar o fabrico de telhas, passará a produzir anualmente cerca de 36.000 toneladas, para as quais será necessário utilizar 5800 metros cúbicos de água.

Com a criação do lago artificial, grande parte da água das chuvas será utilizada na laboração e, em períodos de extrema pluviosidade, serão controlados os caudais de saída, eliminando o risco de inundações e reduzindo perdas.

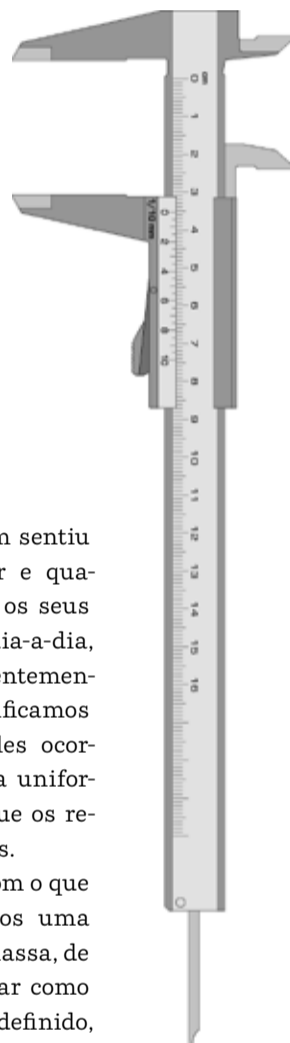
Iremos otimizar o uso da água, diminuindo o abastecimento através das captações, que funcionarão apenas em períodos de seca. Teremos um acesso à água mais sustentável e mais fácil.

Através do sistema de descargas da represa, o impacto ambiental provocado pelas chuvas será totalmente controlado.

E assim, conscientes da nossa responsabilidade, contribuímos para o uso mais eficiente da água, um recurso natural cada vez mais escasso.

Metrologia, a ciência da medição

Controlo Metrológico dos Equipamentos de Monitorização e Medição (EMM)



Desde muito cedo, o homem sentiu necessidade de quantificar e qualificar as suas perceções e os seus haveres. Todos nós, no dia-a-dia, consciente ou inconscientemente, quantificamos e qualificamos factos, fenómenos e simples ocorrências. Exigimos que haja uniformidade de critérios para que os resultados sejam justos e bons.

Fazendo uma analogia com o que se passa quando efetuamos uma medição (dimensional, de massa, de força, etc), queremos utilizar como referência um padrão bem definido, um método de medição adequado e um técnico capaz de o executar na perfeição, tudo isto para que seja obtida uma medida correta, isto é, uma medida que sejamos capazes de caracterizar quantitativa e qualitativamente. Queremos dominar o conhecimento relativamente às medições que efetuamos; isto é a Metrologia, a ciência da medição e suas aplicações. A Metrologia compreende todos os aspetos, tanto teóricos como práticos, relativos à medição, quaisquer que sejam a sua incerteza e o domínio da ciência e da tecnologia a que se referem.

No decorrer do fabrico de telhas e acessórios, são inúmeras as medições efetuadas para controlo do processo (conformação das peças, secagem, cozedura), do produto (dimensões, peso, resistência) e dos serviços. Os ensaios/testes realizados servem para determinar as características físicas, químicas e tecnológicas, que devem cumprir os limites de especificação definidos nas normas internas da empresa e de acordo com as normas NP EN 1304:2007 e NP EN 9001:2008. São utilizados equipamentos de medição (balanças, paquímetros, comparadores, células de carga, manómetros, estufas, fornos, etc.) sujeitos a calibração (*) e equipamentos sujeitos a verificação (**).

Para obter resultados rigorosos, a medição implica a comparação de grandezas compatíveis com o uso do resultado da me-

dição, um procedimento de medição e um sistema de medição calibrado a funcionar de acordo com o procedimento de medição especificado. Depende também das condições ambientais e do operador que executa a medição. Todos estes fatores são possíveis fontes de incerteza numa medição, os quais têm de ser tidos em atenção na avaliação dos resultados.

A seleção dos equipamentos de medição deve ser feita de acordo com a adequabilidade, com os requisitos técnicos e com a especificação do produto. O critério de aceitação (CA) de um equipamento é determi-

nado em função do máximo erro que pode ser admitido cometer numa medição. Após a seleção do equipamento, este deve ser sujeito a calibração ou a verificação e posterior avaliação dos erros cometidos. Cumpridos os critérios de aceitação, esse equipamento pode ser utilizado no ensaio de medição.

A escolha de um equipamento adequado, um bom controlo metrológico e um elevado rigor de medição, são fundamentais para o sucesso do controlo e rastreabilidade dos produtos, aspetos essenciais para garantir a sua qualidade. A CS evidencia estas boas práticas.

(*) Calibração: Operação que, em condições especificadas, num primeiro passo, estabelece a relação entre os valores da grandeza com incertezas de medição provenientes de padrões e as correspondentes indicações com incertezas de medição associadas. E, num segundo passo, usa esta informação para estabelecer uma relação para obter o resultado da medição de uma indicação. A calibração não deve ser confundida com ajuste de um sistema de medição.

() Verificação:** Operação destinada a proporcionar evidência de que um dado equipamento satisfaz os seus requisitos, incluindo a incerteza de medição.



A importância do capital humano nas organizações

Antes de mais, comecemos por explicar o porquê de utilizar o termo *capital humano*, que a alguns tanto desagrade.

O conceito de *capital humano* consiste em atribuir valor ao potencial latente em cada ser humano, fruto da sua educação, formação, experiência e know-how. Este capital é o principal instrumento de crescimento, de riqueza e de diferenciação dos países.

Este conceito surgiu na década de 1950, criado por Theodore W. Schultz, que dividiu o prémio Nobel de Economia de 1979 com Sir Arthur Lewis.

Mas muitas são as críticas que surgem essencialmente de se aplicar a palavra “capital” a seres humanos, como se fossem máquinas ou objetos na posse das empresas, o que vai frontalmente contra o pensamento humanista que

tem caracterizado a gestão de empresas nas últimas décadas.

Contudo, e nunca deixando de ter uma perspetiva humanista, as pessoas enquanto membros das empresas, colaboradores, têm de estar focadas nos objetivos de negócio da empresa e no valor acrescentado que lhes podem aportar. Logo, pode dizer-se que **as pessoas são um capital valorizável para as organizações.**

O *capital humano* é, portanto, um ativo intangível que pertence ao próprio indivíduo e, embora este não seja património da organização, pode ser

utilizado pela mesma para criar valor.

O *capital humano* é um ativo que não é representado pelas pessoas em si mesmas mas pelos fatores que colocam ao serviço da organização, ou seja, educação e formação; competências; experiência e habilidades; atitude e grau de compromisso com as tarefas. Estes elementos tendem a ser cruciais na cadeia de valor da empresa e no desenvolvimento de uma vantagem competitiva sustentada.

Tanto mais quando o mundo em que se vive é cada vez mais complexo e incerto. **As mudanças globais e**

tecnológicas ocorridas no séc. XXI obrigam a que as empresas criem estabilidade a partir do seu interior, através de uma cultura que preserve o melhor do passado e fomentem novas formas de pensar e agir.

Vivemos em constante mudança! O que força os gestores a reequacionarem a importância de cada capital (tecnológico, investimento, humano, etc.) na condução estratégica do seu negócio.

Pode dizer-se que, atualmente, são os colaboradores que têm vindo a assumir uma importância fundamental para a gestão, na medida em que a sua capacidade de adaptação às mudanças do mercado e de inovação tecnológica no uso dos instrumentos de trabalho, contribuem decisivamente para fazer a diferença e consequentemente para



o posicionamento de cada empresa na sociedade.

São de facto as pessoas, com a sua atitude, competências e grau de envolvimento com as organizações onde trabalham que, cada vez mais, constituem o principal fator de diferenciação e competitividade das empresas no mercado global.

A globalização da economia significa que a concorrência tanto pode surgir da China, do México ou da Alemanha, como da fábrica que está ao nosso lado. E significa também que a concorrência pode surgir tanto de grandes empresas como das mais pequenas que operam com um espírito comercial agressivo e apresentam serviços inovadores.

Pelo que as organizações de sucesso serão aquelas que conseguirem dar

uma resposta mais eficaz à concorrência ou antecipar-se-lhes. Serão aquelas capazes de criar e assumir desafios de forma sustentada e para isso, precisam, imprescindivelmente, de ter *capital humano* com competências técnicas e comportamentais que seja considerado um vetor estratégico e que marque a diferença.

Os colaboradores são capazes de aprender, mudar, inovar e fornecer o impulso criativo que, se bem motivados, pode assegurar a sobrevivência da organização no longo prazo. Por isso, **o sucesso do desempenho de cada organização está baseado em larga medida na qualidade do seu *capital humano*.**

Assim, tal como é necessário renovar e desenvolver o parque tecnológico das

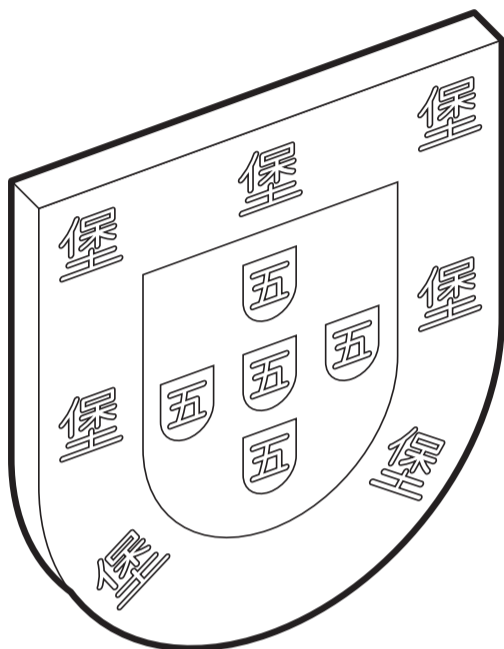
empresas, também é necessário fazerlo com o seu *capital humano*. É fundamental renovar e aperfeiçoar o conhecimento das equipas de trabalho, pelo que é escusado realçar a importância da formação, se a entendermos como um conjunto de meios destinados a valorizar e desenvolver o *capital humano*.

Tanto mais que o Homem do séc. XXI não é só mais exigente como consumidor mas também como profissional. Como consumidor, as suas escolhas são cada vez mais rigorosas, logo as empresas têm que ser bastante mais competitivas nos seus níveis de serviço e na qualidade do seu produto. Como profissional, o Homem está cada vez mais exigente, principalmente os quadros das empresas, não só perante o reconhecimento do seu desempenho

como nas oportunidades de desenvolvimento pessoal e na trajetória de carreira que corresponda às suas aspirações, ou seja, que haja maior convergência de interesses entre o colaborador e a empresa.

Na CS reconhecemos nos colaboradores um dos ativos mais importantes da empresa e sabemos que o desempenho e o sucesso da empresa dependem, antes de mais, de cada colaborador. Reconhecemos que cada pessoa, que é única e repetível, tem uma dignidade própria e o seu projeto de realização pessoal. **Pretendemos que o nosso projeto empresarial seja motivador ao ponto de ser reconhecido como sendo o seu.**

As armas e os barões assinalados



Numa época de adversidade económica particularmente difícil, as várias iniciativas que promovem a compra e o consumo de produtos nacionais são certamente meritórias; em teoria, quanto maior for o envolvimento com Portugal de uma empresa ou de um produto, maior é o seu contributo para o PIB, e, como consequência, mais gera riqueza nacional.

Mas o que define um produto efetivamente Nacional? Numa balança de nacionalidade, alguns produtos tendem a pesar mais que outros. Os mais leves, mais voláteis, podem perder as raízes à pátria com relativa facilidade.

Com a globalização, assistimos a duas situações novas que vieram alterar completamente o enquadramento das relações de negócio entre empresas e entre elas e o mercado:

Por um lado, o carácter precário da sua estabilidade temporal/permanência económica, com deslocalizações e/ou encerramentos, rompendo com compromissos estabelecidos (de captação de fundos comunitários e nacionais), seguindo lógicas de maximização de lucro que buscam mão-de-obra barata, transferindo total ou parcialmente a produção para países desprovidos de sistemas de proteção social aos trabalhadores, ou de controlo ambiental da atividade exercida.

Por outro lado, não raras vezes como resultado de investimento estrangeiro, a aglutinação ou fusão de empresas, integrando-as em grupos económicos muito mais fortes, normalmente designados por multi-nacionais, veio concentrar os centros de decisão estratégica e, muitas vezes, de pesquisa e desenvolvimento (entenda-se inovação) no local onde se situa a empresa dominante do grupo, frequentemente atuando em setores chave para a economia nacional e sublinhando a tendência para um domínio estratégico, constituindo um risco potencial.

Como consequência, encontramos em Portugal quatro tipos de empresas:

- as empresas que se limitam praticamente a montar e embalar produtos fabricados noutros países, normalmente na Ásia;
- as empresas cujo capital é detido maioritariamente ou totalmente por grupos estrangeiros e cuja estratégia é decidida fora de Portugal;
- as empresas corporizadas por fábricas, muitas vezes de grande dimensão, mas cujo programa de produção e destinatário da mesma está totalmente fora do seu controlo;
- as empresas cujo capital é maioritária ou totalmente nacional, cujas decisões estratégicas são inteiramente da sua responsabilidade, e que fabricam os seus produtos em Portugal.

Comprar produtos com DNA português cria postos de trabalho e acrescenta valor à economia nacional. Uma empresa de capital nacional com sede e fábricas em Portugal, paga não só impostos em território nacional, como também salários a trabalhadores portugueses e dividendos a acionistas portugueses. E, se recorrer à banca portuguesa, os juros liquidados entram no cálculo do PIB nacional.

Se se tratar de uma filial de uma empresa estrangeira, com uma gestão dominada por grupos internacionais, mesmo que tenha produção em Portugal, distribui lucros a estrangeiros, paga juros a bancos no exterior e alguns impostos podem ser liquidados noutros países.

Com capitais 100% nacionais e produtos desenvolvidos e fabricados essencialmente a partir de matérias-primas e recursos nacionais, atuando num dos setores mais estruturantes da economia nacional, a CS é uma empresa verdadeiramente portuguesa que assume um posicionamento de liderança, de solidez e de confiança no futuro, refletido no investimento numa nova unidade de produção.

Uma aposta clara no desenvolvimento do país, contribuindo para ultrapassar a crise económica e elevar o nome de Portugal no mundo.

Edição:
CS - Coelho da Silva
 Albergaria
 2480-071 Juncal
 Portugal
 +351.244479200
 www.cs-coelhodasilva.pt

Textos:
 Cláudia Palhais
 Jorge Barros
 Sónia Felgueiras
 Rita Carreira

Fotografia:
 Alexandre Aguiar [pág. 3, 6 e 7]

Design e paginação:
 Miguel Salazar

Impressão:
 Lidergraf – Artes Gráficas, S.A.

© CS Coelho da Silva, SA.
 Todos os direitos reservados.

FICHA TÉCNICA



A CS – Coelho da Silva, SA renovou, em 2011, o estatuto de PME Excelência.

A atribuição do estatuto PME Excelência é uma iniciativa do IAPMEI em parceria com a Banca, que visa distinguir anualmente, a partir do universo das PME Líder, o mérito das empresas que evidenciam os melhores desempenhos e perfis de risco, apresentando rácios de solidez financeira e de rentabilidade acima da média nacional, e que têm sabido manter altos padrões competitivos num contexto económico particularmente exigente.

Em conjunto, as PME Excelência'11 asseguram perto de 47 mil postos de trabalho directo e foram responsáveis por um volume de negócios superior a 7,9 mil milhões de euros no último ano, que representou um crescimento médio de 27%.

Mais uma vez, a CS – Coelho da Silva, SA foi a única empresa do sector da cerâmica estrutural distinguida com este prémio.

NOTÍCIAS

Os números anteriores do **Jornal CS** estão disponíveis online.